



Segundo congresso internacional para jovens egiptólogos: erotismo e sexualidade no Antigo Egipto

Autor(es): Sales, José das Candeias

Publicado por: Centro de História da Universidade de Lisboa

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/24015>

Accessed : 3-Apr-2014 22:43:52

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



SEGUNDO CONGRESSO INTERNACIONAL PARA JOVENS EGIPTÓLOGOS

Erotismo e Sexualidade no Antigo Egipto

Depois de Siena, Itália, ter acolhido, de 15 a 18 de Outubro de 2003, em Chianciano Terme, o Primeiro Congresso Internacional para Jovens Egiptólogos, então subordinado ao tema genérico *L'acqua nell'antico Egitto: vita, rigenerazione, incantesimo, medicamento*, coube desta feita a Lisboa dar continuidade a esta organização e promover, em 2006, o Segundo Congresso Internacional para Jovens Egiptólogos.

De 23 a 26 de Outubro, o Museu da Farmácia albergou nas magníficas instalações do seu Auditório os vários participantes que aqui vieram apresentar as suas comunicações no âmbito do tema genérico proposto para este Congresso: *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egipto*.

Além dos jovens egiptólogos, a organização convidou algumas figuras cimeiras da hodierna egiptologia europeia para esta iniciativa, como foram os casos dos Professores Lise Manniche (Universidade de Copenhaga), Erik Hornung (Universidade de Basileia), Ian Shaw (Universidade de Liverpool), Josep Padró (Universidade de Barcelona) e Alessia Amenta (Universidade de Roma «La Sapienza»), a que se juntou a Professora Rosalie David (Universidade de Manchester), convidada do Museu da Farmácia.

A Comissão Científica do Congresso incluiu ainda, além dos nomes anteriormente mencionados, os Professores José Augusto Ramos e Luís Manuel de Araújo, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e o Professor José das Candeias Sales, da Universidade Aberta.

Sob a coordenação dos dois docentes da Faculdade de Letras trabalhou a Comissão Executiva, cujo trabalho foi determinante para o bom sucesso do evento e cujos nomes é de toda a justiça aqui referir: Mestre Aline Gallasch-Hall, Mestre Telo Ferreira Canhão, Mestre Alexandra Diez de Oliveira, Dr^a Paula Veiga, Dr^a Vanda Raimundo, Dr^a Cristina Chautard Correia e Dr^a Maria José de Albuquerque.

Terminado o Segundo Congresso Internacional para Jovens Egíptólogos subordinado ao tema genérico *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egíto*, impõe-se agora, em jeito de balanço final, reflectir um pouco sobre os três preenchidos dias deste encontro.

Por uma questão meramente académica e facilitadora do debate científico, o programa propôs uma abordagem tripartida da temática principal. Assim, o primeiro dia foi dedicado à *Religião e Vida Após e Morte*, o segundo à *História e Vida Quotidiana* e o terceiro à *Arte e Literatura*.

De facto, esta proposta de abordagem é apenas funcional em termos operatórios, uma vez que sendo o erotismo e a sexualidade conceitos e vivências que se interpenetram qualquer tentativa de traçar barreiras ou fronteiras entre eles é contraproducente, paradoxal e até perigosa, correndo-se o risco de não se captar devidamente a sua importância e o seu alcance no âmbito de uma civilização como a do antigo Egíto, exigindo-se, por isso, uma visão mais alargada e abrangente, integral, para a sua cabal compreensão, uma vez que a construção cultural egípcia era substantivamente diferente da nossa.

De uma forma geral apriorística, entende-se por sexualidade tudo o que se inscreve no âmbito do físico e do instintivo e que tem por principal ou único objectivo a reprodução ou procriação e por erotismo as formas mais requintadas, mais espiritualizadas, influenciadas pela civilização humana, do desejo intenso, da excitação dos sentidos e do prazer carnal.

Quando aplicadas ao antigo Egíto, verifica-se que tais ideias são, porém, insuficientes e incompletas para classificar tais conceitos: desde logo, porque quando falamos de erotismo e de sexualidade no antigo Egíto não nos limitamos, longe disso, à esfera do humano: antes, implicamos também a esfera do sobrenatural, convocando directamente muitas das divindades – desde alguns célebres demiurgos a outras divindades acessórias, pelo papel que desempenham nos domínios da fertilidade, da procriação, do apoio às manifestações e actividades sensuais ou para-sensuais de outros deuses ou dos homens ou dos homens em relação com os deuses; depois, porque as atitudes eróticas e sexuais dos antigos Egípcios recobrem uma multiplicidade de aspectos que transcende em muito a mera dimensão dos instintos e fixa-nos em comportamentos e modelos de conduta sexual que, frequentemente, possuem leituras e interpretações metafísicas e simbólicas, quer em relação à vida terrena quer, sobretudo, em relação à vida extra-terrena; depois, ainda, porque muitos dos elementos iconográficos e expressões literárias com que trabalhamos possuem

significações erótico-sexuais, implícitas ou explícitas, para vivos e para mortos, que é preciso entender de forma global e integrada, respeitando e atendendo ao plasma cultural no seio do qual a civilização egípcia se movimentou.

Por tudo isto, a abordagem tripartida que esteve subjacente ao estabelecimento do nosso programa de trabalhos longe de ser um fim em si mesma foi um meio para penetrarmos no âmago de uma dimensão da vida do antigo Egipto que longe de ser moderada ou *naif* como antes se considerava é, claramente, de indelével significado e importância, ou não fosse, de facto, o sexo o mais natural dos actos e o mais poderoso símbolo de fecundidade.

Pelo domínio do simbólico que integrava, pelas facetas da realidade que implicava, pelas práticas e pelos modelos éticos que estipulava, pelo conjunto de actividades que accionava a montante e a jusante da sedução, a sexualidade era um fenómeno socio-antropológico total que no antigo Egipto afectava a esfera do individual e do colectivo, do privado e do público, num constante jogo de inter-relações que punha em dinâmica acção todas as dimensões da temporalidade, do espaço e do ser, bem como os vários sentidos do sagrado e do profano, do ritual e do mitológico, do funcional e da representação, dos modelos e das práticas, do diálogo e da tensão entre o fértil e o estéril, da complementaridade e da distinção dos géneros masculino e feminino.

De uma forma directa ou indirecta, estas noções acabaram por estar subjacentes à maior parte das intervenções apresentadas durante estes três dias. Todas as comunicações contribuíram a seu modo para tentar apreender e compreender o tema de trabalho. Nem o compreensível nervosismo, mais disfarçado ou mais visível, dos oradores, nem os entraves linguísticos ou de tradução, nem tampouco os problemas criados pelas novas tecnologias da informação e comunicação impediram a partilha de perspectivas e de saberes mais centrados numa sólida e consistente egiptologia científica ou mais orientadas para leituras transdisciplinares menos ortodoxas.

A sexualidade criativa e demiúrgica do antigo Egipto não podia, logicamente, estar ausente ou afastada deste Congresso e isso foi particularmente evidente no que diz respeito à cosmogonia heliopolitana, sem dúvida a mais sexuada de todas as explicações para a transição do caos para o cosmos, para a criação dos deuses e dos homens; explicação essa sublimada na tradição menfita, como nos foi sugerido.

Provenientes de lunu, por aqui passaram, várias vezes, quase em processional desfile geracional, durante os três dias e connosco

conviveram Atum e Iusaés («a mão masturbadora»), Chu e Tefnut, Geb e Nut, Ísis e Osíris, Set e Hórus.

As suas sagradas fantasias eróticas e os seus actos sexuais preferidos ou praticados (a solitária masturbação demiúrgica, as diversas aventuras e traumas sexuais ou as suas fracassadas tentativas de violação) foram analisados e interpretados; as suas necessidades e carências afectivo-amorosas (a proibição de copular ou a demanda do falo perdido) foram explicadas e foi procurado o sentido mais profundo e substantivo para as suas atitudes (o reclamar dos direitos de herança ou a construção e manutenção do equilíbrio e ritmo do universo).

Hathor, Bastet, Tuéris, os itifálicos Min, Amon-Min ou Sekhmet-Min, Bés, Meskhenet, Heket, Khnum, Baba/Bebon ou Banebdjed não quiseram também ficar afastados de Lisboa e vieram até ao magnífico Auditório do Museu da Farmácia, sozinhos ou sincretizados, para aqui afirmarem e reforçarem os seus traços de divindades da fertilidade e da fecundidade e para nos recordarem que reprodução, prazer carnal, satisfação dos sentidos, de forma ritual ou real, eram comportamentos apreciados e, obviamente, praticados pelos homens do vale do Nilo, preferencialmente de noite, antes do alvorecer, o tempo por excelência dos amantes e do erotismo.

No Egipto, a sexualidade não era, porém, apenas um dinâmico princípio do mundo divino com um imanente ou transcendente simbolismo erótico-cósmico criacional: era igualmente uma óbvia, natural e procurada fonte de prazer ou não fossem os antigos Egípcios, acima de tudo, um povo amante da vida e das coisas boas da existência.

As espantosas e explícitas doze ilustrações do *Papiro Erótico de Turim (Papiro 55001)* surgiram numerosas vezes nos slides de diferentes *power points* e o erotismo ou mesmo pornografia que delas se desprendem assumiram um provocador e indagador questionamento dos estudiosos aqui presentes – e foram muitos os que não conseguiram, realmente, resistir a este chamamento e que o procuraram entender e explicar, atendendo ora apenas à vertente iconográfica, ora apenas à vertente textual, ora a ambas.

A lírica do Império Novo, de feição mais amorosa ou mais erótica, com expressões e passagens mais discretas ou subliminares e outras mais ousadas e directas, reflectindo claramente um modo de vida aristocrático, respondeu também à chamada e veio igualmente, em muitos casos, auxiliar à descoberta do sexo e da sexualidade, revelando-nos, sobretudo, a filosofia sexual subjacente às práticas dos antigos Egípcios. O tratamento conferido à poesia amorosa do Império Novo permitiu mesmo tentar escutar os seus ecos na poesia grega da Época Arcaica.

Se as descrições poético-literárias nos introduzem nas fantasias eróticas dos egípcios da elite, a arte tumular revela-nos complementarmente uma particular e expressiva linguagem corporal, particularmente dos esbeltos corpos femininos, em banquetes, em cenas de dança e em cenas de sedução, onde o uso de cosméticos, de cones de perfume, de cintos pélvicos e de plantas-símbolos eróticos apenas acentuam a importância de uma estética do físico como factor real ou imaginário gerador de paixão e de desejos ardentes.

Além disso, a fruição dos sentidos fez com que os antigos Egípcios tivessem feito dos seus jardins e das suas extensões naturais de água, com a luxuriante vegetação envolvente, espaços privilegiados para os seus encontros e jogos amorosos, numa palavra, para a sedução e manifestações sensuais.

Através do sistemático cruzamento das leituras iconográficas e textuais estabelecidas no Auditório do Museu da Farmácia ao longo destes dias, pode dizer-se que captámos, quase na íntegra, o repertório de práticas sexuais, lícitas e ilícitas, do antigo Egipto, e passamos em revista, de forma quase exaustiva, todo o seu léxico do erótico.

Se não vejamos, independentemente do período histórico em concreto, falou-se de hierogamias, de teogamias, de haréns, de concubinação, de actividade sexual pré-marital, de casamento, de adultério, de consanguinidade, de poligamia, de incesto, de *ménage-à-trois*, de violação, de coito anal, de homossexualidade, de ejaculação, de orgasmo, de auto-*felatio*, da existência de prostitutas e lupanares, do estatuto das heteras, de abstinência sexual, de posições sexuais e suas variações (face a face, deitados, de pé, sentados, *a tergo*, com maior ou menor flexibilidade, com maior ou menor impetuosidade, com maior ou menor acção ou passividade), de útero, de vagina e de vulva; mencionou-se a auto-satisfação e o auto-erotismo, a tipologia temperamental da mulher egípcia, ávida de prazeres carnis, bem como de riso e de diversão associados ao íntimo contacto sexual; viram-se imagens de falos descomunais, erectos ou flácidos, e numerosas figuras femininas nuas, com o triângulo púbico bem marcado, aludindo à fertilidade feminina; falou-se de falos naturais e de falos artificiais, de perversões sexuais (como o exibicionismo ou exposição dos genitais por mulheres e deusas, o voyeurismo, a necrofilia, a bestialidade ou zoofilia); não se deixaram de fora as questões de obstetrícia, de ginecologia, de contracepção, de poções à base de plantas com fins terapêuticos e/ou profilácticos; deu-se atenção à fecundação e aos testes de gravidez e aludiu-se à circuncisão, bem como aos rituais de passagem na puberdade feminina; não se esqueceram os

tabus ou interdições sexuais, nem os afrodisíacos, nem tampouco a influência da nudez, dos adereços ou adornos de marcada carga erótica como as cabeleiras, da dança, do canto e da música na exteriorização do erótico e do sensual; aos cosméticos, aos perfumes e aos óleos aromáticos foram reconhecidas as suas cargas erotizantes, como poderosas «armas de sedução». À diversificada gramática do erótico egípcio com que convivemos nestes dias não foram também alheios os contributos sensoriais: da visão, do olfacto, do tacto e da audição.

Mais não fosse, todas estas referências presentes neste *Segundo Encontro Internacional para Jovens Egiptólogos*, de Lisboa, seriam suficientes para se concluir que a civilização egípcia era uma civilização extremamente erótica; era uma civilização que lidava aberta e confortavelmente com a sensualidade: era uma civilização que fazia da dimensão sexual um motivo de permanente celebração ritual e mitológica, através de estelas votivas, pinturas e relevos tumulares; era uma civilização consciente do valor da vida terrena e das coisas boas que ela contém, como a cópula e o prazer sexual de homens e mulheres, que compreensivelmente transferiu para a vida no Além-túmulo; era uma civilização onde o sexo não era *tabu*, mas sim pura energia, vida.

Terminada a parte científica do Segundo Congresso Internacional para Jovens Egiptólogos subordinado ao tema genérico *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egipto*, é possível parafrasear um texto egípcio integrado nos chamados «Cânticos do Harpista» onde se exorta à fruição da vida terrena antes que chegue a partida para o Além e dizer que, em conjunto, «gozámos uns dias felizes» neste Segundo Congresso Internacional para Jovens Egiptólogos

Que essa fruição possa prosseguir na realização dos trabalhos pessoais de investigação de todos os jovens egiptólogos, bem como, em 2009, no Terceiro Congresso, em Bucareste, em torno do tema *Comércio e Economia no antigo Egipto* e, em 2012, no Quarto Congresso, na Roménia, em Bucareste, sobre *The faces of death in Ancient Egypt*.

José das Candeias Sales